



TEATRO NO CURSO DE PEDAGOGIA concepções e mediação cultural

THEATER IN THE PEDAGOGY COURSE conceptions and cultural mediation

33

Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi¹
Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba
lucialombardiufscar@gmail.com

Resumo

O artigo aborda dois aspectos envolvidos no ensino de teatro no curso de Pedagogia que são as concepções de teatro na escola e a formação para a tarefa da mediação teatral. A profissional formada em Pedagogia que escolhe ser professora de crianças encontra-se em um lugar de mediação entre a criança e as culturas e, mais especificamente, entre as crianças e a cena teatral. Pensar sobre a função e os objetivos do teatro na formação de pedagogas envolve refletir sobre quais concepções de teatro as professoras trazem em seus repertórios e quais são as mediações necessárias hoje neste campo específico, considerando-se as discussões contemporâneas sobre educação, culturas e teatro. Atuar com o ensino de teatro incorporado ao curso de Pedagogia significa também tomar em consideração a identidade do curso. Sendo assim, são abordadas as características e especificidades da formação artística de pedagogas, profissionais que atuam em várias instâncias da prática educativa, tais como na gestão da educação (supervisoras e dirigentes de ensino), na gestão escolar (diretoras, coordenadoras pedagógicas), na docência da Educação Infantil e dos Anos Iniciais, bem como em contextos educativos não escolares. As considerações apontam para a necessidade de criação de tempos de experimentação das muitas formas de se fazer teatro durante a formação inicial e de processos de fruição que contribuam para a renúncia de visões estereotipadas de teatro e para a ressignificação das concepções de expressão dramática, jogo e teatro. Isto porque existe a necessidade de expansão dos saberes das professoras em direção a construções de ordem lúdica, simbólica e subjetiva, com base em lógicas mais próximas do ponto de vista infantil, que é o da fantasia e do brincar.

Palavras-Chave: Teatro; Pedagogia; Mediação Teatral; Formação de professores

Abstract

The article discusses two aspects involved in the theater teaching in the Pedagogy course that are the conceptions of theater in the school and the formation for the task of theatrical mediation. The professional trained in Pedagogy who chooses to be a children's teacher is in a place of mediation between the child and the cultures and, more specifically, between the children and the theatrical scene. Thinking about the role and objectives of theater in the formation of pedagogues involves reflecting on what theatrical conceptions the teachers bring in their repertoires and what are the mediations needed today in this specific field,

¹ Licenciada em Educação Artística com habilitação em Artes Cênicas pela Escola de Comunicações e Artes da USP. Mestre e Doutora em Educação pela USP. Professora da Universidade Federal de São Carlos campus Sorocaba. Líder do Grupo de Pesquisa sobre Infância, Arte, Práticas Educativas e Psicossociais. Vice-líder do Grupo de Pesquisa Arte na Pedagogia.



TEATRO: criação e construção de conhecimento

considering the contemporary discussions about education, cultures and theater. Acting with the theater teaching incorporated into the course of Pedagogy also means taking into account the identity of the course. Thus, the characteristics and specificities of the artistic formation of pedagogues, professionals who work in various instances of the educational practice, such as in the management of education (supervisors and teaching leaders), in school management (directors, pedagogical coordinators), in the teaching of Infant and Early Childhood Education, as well as in non-school educational contexts are studied. The considerations point to the need to create times of experimentation of the many forms of theater during the initial formation and processes of fruition that contribute to the renunciation of stereotyped theater visions and to the re-signification of conceptions of dramatic expression, play and theater. This is because there is a need to expand the knowledge of the teachers towards constructions of a playful, symbolic and subjective order, based on logics closer to the child's point of view, which is that of fantasy and play.

Keywords: Theater; Pedagogy; Theatrical Mediation; Teacher training

INTRODUÇÃO

Este texto reflete sobre dois aspectos da pedagogia do teatro no curso de Pedagogia, tecidas com base em minha trajetória como estudante de teatro e atriz – a partir de 1988 – como professora de teatro – desde 1994 – e como pesquisadora e professora do curso de Pedagogia, da disciplina de metodologia do ensino de Arte – a partir de 2002.

Até pouco tempo nenhuma disciplina voltada à formação artística integrava a trajetória curricular dos cursos de Pedagogia brasileiros. A inserção da Arte na perspectiva da formação cultural e artística e como preparação pedagógica passou a ser obrigatória neste curso a partir de 2006, com as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) dos cursos de Pedagogia. Com esta lei, entrou em vigor a presença de ao menos uma disciplina de Arte na grade curricular do curso, não se dando como certo, entretanto, que as quatro linguagens – do Teatro, da Música, da Dança e das Artes Visuais – e suas interfaces, tenham possibilidade de se fazerem presentes em tão exígua carga horária.

Sobre a presença da linguagem teatral nesta disciplina, uma pesquisa (Lombardi, 2015) revelou que até o ano de 2014, dentre cinquenta e seis disciplinas de Arte oferecidas

em sessenta e nove cursos de Pedagogia de universidades públicas do Brasil, quarenta e cinco incluíam o Teatro em seus conteúdos e apenas quatro tinham palavras diretamente relacionadas ao repertório do campo teatral em seus títulos. Eram elas: “Educação e Teatro”, oferecida no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); duas disciplinas ministradas na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), denominadas “Jogo teatral e Educação” e “Jogo teatral e Educação II” e “Teatro e Ensino”, da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

A situação de escassez de espaços para as linguagens artísticas dentro dos cursos de Pedagogia nos apresenta uma realidade de desafios e de resistência em defesa do direito à formação cultural e artística de profissionais da educação, reconhecendo as artes como expressões das realidades históricas, políticas e sociais dos povos, propulsoras de conhecimentos críticos e conscientes.

Em se tratando especificamente do Teatro na formação de pedagogos/as, estamos ainda em tempos de exploração, de conquistas e de experiências, não existindo uma proposição única de trabalho. Aqui compartilho reflexões sobre as experiências que vimos realizando juntos/as – os/as estudantes e eu – na disciplina da graduação e em ações de



TEATRO: criação e construção de conhecimento

extensão universitária que têm o teatro como mediador de formação artística de professores, procurando responder: qual é a função do teatro na formação de pedagogos/as e quais os objetivos da formação teatral para esses/as profissionais? Quais são as mediações necessárias hoje neste campo específico, considerando-se as discussões contemporâneas sobre educação, culturas e teatro?

PEDAGOGIA E PEDAGOGAS: A FORTE PRESENÇA FEMININA NA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS.

Ao me referir à estudantes do curso de Licenciatura em Pedagogia utilizarei daqui em diante no texto o substantivo no gênero feminino devido ao fato de, historicamente, as mulheres representarem maioria neste curso, o que não ocorre necessariamente em outras licenciaturas e na pós-graduação. Esta preponderância se deu tanto no passado, na trajetória de construção social do magistério enquanto profissão pensada para mulheres, quanto continua acontecendo hoje, quando ainda se mantém o predomínio feminino nessa formação inicial. Este fato merece ser mencionado por não ser neutro e nem isento de valores morais, se relacionando com os papéis reservados às mulheres na escola. Silva afirma que a história da Pedagogia é também a história das mulheres:

A história do curso de Pedagogia é transcorrida por uma grande questão sobre gênero, uma vez que o curso é caracterizado pela quase unânime presença feminina. Assim, considerar como se ligam a discussão de gênero e o percurso da Pedagogia pode nos sugerir quais identidades de gênero e sexualidade que as relações estabelecidas pelo e no currículo deste curso de formação vêm produzindo (Silva, 2011, p. 32).

Durante as experimentações com a linguagem teatral na formação de pedagogas este aspecto costuma aparecer como tema de debate, pois a identidade feminina estabelecida dentro dos modelos construídos historicamente, interfere também nos processos de formação profissional. É uma dimensão que se encontra atrelada a outras que guardam relação com ideias de identidade totalizantes e absolutas, unificadas pelos discursos da Modernidade, mas que não mais se adaptam às noções de sujeito entendidas contemporaneamente. O teatro, assim como fazem outras linguagens artísticas, questiona as noções fixas de identidade firmadas a partir de olhares hegemônicos e propõe reflexões sobre como nos construímos, agimos e nos representamos, privilegiando um “descentramento do sujeito cartesiano” (Hall, 2006).

É interessante observar que, além de a maciça presença feminina se dar dentre as estudantes do curso de Pedagogia, o quadro docente também é constituído por mais mulheres. Um exemplo disto está nos resultados da investigação sobre o perfil de docentes da disciplina de Arte nos cursos de Pedagogia brasileiros, feita por meio da identificação de suas instituições, de suas localizações geográficas, de suas características de formação acadêmica, da predominância de gênero, do tempo de atuação nessa área específica e de algumas de suas opiniões sobre os modos de trabalhar as linguagens artísticas com futuras pedagogas (Martins; Lombardi, 2015). Eis que, de uma amostra composta por setenta e dois docentes, observa-se a maioria feminina dentre as pessoas que responderam à pesquisa: 83% do total, isto é, sessenta professoras.²

A menção à forte presença feminina neste curso evidencia tanto um lugar de

² De 2012 a 2014 foram realizados pelo Grupo de Pesquisa Arte na Pedagogia (GPAP) levantamentos em nível nacional com duas pesquisas denominadas “Situação da Arte na Pedagogia: levantamento nacional” e “Situação da Arte na Pedagogia: ampliações e análises”. Os resultados foram divulgados em publicações nos Anais dos

congressos da Federação de Arte/Educadores do Brasil (ConFAEBs) e em um dossiê feito para a Revista Trama Interdisciplinar, em 2015, que pode ser acessado em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/issue/view/467>



TEATRO: criação e construção de conhecimento

significação, de troca e de produção de sentidos sobre a situação e do papel da mulher na sociedade e no campo da Educação, como também interroga a marca pela qual este curso é popularmente lembrado – como curso de mulheres – convidando à construção de um projeto de transformação da educação de crianças que venha a ser de todas e de todos.

IDENTIDADE DO CURSO DE PEDAGOGIA

A fim de exercer seu ofício de ensinar, a professora precisa conhecer seu objeto de estudo e os valores intrínsecos ao seu campo de conhecimento, conhecer a estrutura do sujeito-estudante e planejar, desenvolver e analisar procedimentos organizados para que os processos de ensino e aprendizagem aconteçam, sendo esta última, a tarefa conhecida como didática. Deste modo, atuar com o ensino de teatro incorporado ao curso de Pedagogia, significa tomar em consideração a identidade do curso e da futura profissional que está nele em formação.

A Pedagogia é a ciência que tem por objeto de estudo a educação, que estuda, analisa e recria a práxis educativa. É a ciência da educação que forma professoras e gestoras educacionais de forma norteada e alimentada por saberes científicos e pedagógicos, buscando conexões entre as teorias e as práticas (Franco, 2003). O curso forma profissionais para atuar em várias instâncias da prática educativa, tais como na gestão da educação (supervisoras e dirigentes de ensino); na gestão escolar (diretoras, coordenadoras pedagógicas), na docência da Educação Infantil e dos Anos Iniciais, bem como em instâncias educativas não escolares (empresas, movimentos sociais, meios de comunicação).

Isto significa que existem especificidades na formação artística de pedagogas, porque não estamos em uma área de formação de artistas ou de professores de Arte, mas de educadoras que precisam aprender por meio de experiências e de conteúdos pensados especialmente para elas, permitindo-lhes acesso a percursos artísticos e poéticos que

mobilizem compreensões sobre modos de trabalhar com as linguagens artísticas em diferentes faixas etárias e contextos sociais, estranhando hábitos pedagógicos tradicionalistas (Martins; Lombardi, 2017).

Para que estejam capacitadas a criar uma história da educação brasileira que lute todos os dias por humanizar as pessoas – diminuindo as injustiças, combatendo preconceitos, equalizando oportunidades e construindo realidades de respeito – futuras pedagogas se qualificam para o trabalho na educação de maneira ampla, agregando conhecimentos de variadas áreas, com base em diversas epistemologias, referenciadas por autores que são parte da história intelectual de outras ciências e das artes. Isto porque a pedagogia tem papel transformador: ela cumpre projetos intencionais de transformação social (Franco, 2003).

Um aspecto importantíssimo sobre o curso de Pedagogia, é que ele é o curso por excelência no Brasil que forma profissionais da Educação para o trabalho com as crianças e as múltiplas infâncias, desde a Educação Infantil até os Anos Iniciais. Nele se aprende que a criança não é menos cidadã. O bebê não é menos cidadão. A criança tem todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana e é dever de todos assegurar que nenhuma criança seja objeto de negligência, de discriminação, de exploração, de violência, de crueldade ou opressão.

E, ao contrário do que alguns possam pensar, é necessária uma formação profunda, consistente, sólida e ampla para estar capacitado a trabalhar com crianças pequenas. Profissionais de Educação Infantil precisam ter posse de muitos conhecimentos para saber compreender, se comunicar, planejar e executar ações pedagógicas com bebês e crianças pequenas. Porque toda criança tem direito de ser vista como capaz, de ser escutada e respeitada. É neste quadro que se insere a tarefa de ampliar as perspectivas de familiarização de futuras pedagogas com os desafios da linguagem teatral, tanto pela ótica

LOMBARDI, Lucia Maria Salgado dos Santos. Teatro no curso de Pedagogia: concepções e mediação cultural. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 5 N. 2, 2017, p. 33-44.

Organização de Dossiê: Lucia M. S. S. Lombardi e Thaíse Luciane Nardim.

Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio

ISSN: 2357-710X



TEATRO: criação e construção de conhecimento

do seu fazer, como também pela do apreciador de teatro.

O TEATRO NO CURSO DE PEDAGOGIA

Diante das questões inicialmente elaboradas – qual é a função do teatro na formação de pedagogas e quais os objetivos da formação teatral para essas profissionais? Que tipo de formação se faz mais significativa para que futuras pedagogas saibam atuar com a linguagem teatral com as crianças na Educação Infantil e nos anos iniciais? – escolhi duas frentes a serem consideradas neste artigo: uma reflexão dentro do curso de Pedagogia sobre a concepção de teatro que as estudantes trazem e, em seguida, sobre a formação das futuras pedagogas para a tarefa da mediação teatral.

DE QUAL TEATRO ESTAMOS FALANDO?

A professora-pedagoga tem papel importante nos processos artístico-pedagógicos em teatro desenvolvidos na escola com as crianças mesmo que estejamos falando de uma instituição que conte com um professor especialista em teatro. Ela é protagonista na criação de espaços/tempo lúdicos que favoreçam a imaginação dramática da criança e o jogo ao longo da rotina escolar, bem como poderá ser solicitada a conduzir ou tomar parte da construção de projetos em cena, propondo, criando, interferindo, mediando. Estando atenta à cena teatral contemporânea, poderá refletir sobre quais são seus conceitos de teatro e sobre as relações possíveis entre o teatro e a educação, propondo fruições e fazeres que respeitem as crianças, seus modos de ser e suas diferentes infâncias.

Ainda hoje é possível detectar nas escolas certa escolarização do teatro, prevalecendo a ideia de preparo de espetáculos seguindo modelos de representação, com montagens feitas para festas escolares em datas comemorativas. Nestes casos, é comum uma espécie de didatismo na realização teatral, com ênfase colocada na transmissão de conteúdos, informações ou aprendizagem

moral, cumprindo suposta função educativa, com pouca ou nenhuma ênfase na experiência que as crianças podem ter por meio de processos coletivos de jogo, de exercício da espontaneidade, de criação e não da reprodução de convenções.

Como observa Taís Ferreira (2010), este aspecto está presente também no consumo de peças feito pelas escolas, que escolhem apresentar às crianças produções teatrais de cunho comercial, que respondam às expectativas dos adultos de sempre haver uma “lição”, “mensagem” ou “moral da história”. A autora afirma que as escolas aparecem no cenário atual como um amplo filão de consumidores ávidos por “enriquecer culturalmente” seus alunos e “a assistência a espetáculos surge como uma possibilidade de aula extraclasse, momento de festa e alegria, porém sempre em favor dos objetivos didático-pedagógicos da escola” (Ferreira, 2010, p. 17).

Os discursos de venda nos programas das peças “são francamente direcionados ao público de pais e, principalmente, professores, remetendo-nos à questão das condições de liberdade de escolha das crianças em relação ao teatro que consomem.” (Ferreira, 2010, p. 21). O didatismo ao qual nos referimos já havia sido caracterizado por Maria Lúcia Pupo (1991) como “didatismo autoritário” no teatro infantil que, além de se fazer presente nos conteúdos e temáticas, forja-se também na forma. Em alguns casos, o formato explicativo conferido ao ato teatral lhe impõe características de uma aula tradicional, empobrecendo a vivência estética por subestimar a criança em suas capacidades simbólicas, poéticas, imaginativas e metafóricas.

É neste sentido que vale retomar as questões essenciais sobre a função da arte na sociedade e na educação de crianças, como já propunha a professora Ana Mae Barbosa (1975, p. 90) quando criticava a ligação da Arte a outros assuntos a fim de “justificar a importância da Arte na escola, o que a torna paradoxalmente disciplina secundária,

LOMBARDI, Lucia Maria Salgado dos Santos. Teatro no curso de Pedagogia: concepções e mediação cultural. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 5 N. 2, 2017, p. 33-44.

Organização de Dossiê: Lucia M. S. S. Lombardi e Thaíse Luciane Nardim.

Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio

ISSN: 2357-710X



TEATRO: criação e construção de conhecimento

desempenhando papel ilustrativo ou meramente concretizador de conteúdos predominantemente intelectuais”. Ana Mae explicita a importância da professora refletir sobre a função da arte na vida humana, pois o caráter que as artes tomam dentro da escola é afetado pelo modo como a professora as vê fora dela. Assim, a autora afirma:

Antes de ser preparado para explicar a importância da arte na educação o professor deverá estar preparado para entender e explicar a função da arte para o indivíduo e a sociedade. O papel da arte na educação é grandemente afetado pelo modo como o professor vê o papel da arte. (Barbosa, 1975, p. 90).

Diante disto, é essencial a criação de tempos de experimentação das muitas formas de se fazer teatro durante a formação inicial, para que sejam exploradas possibilidades cênicas que renunciem a visões estereotipadas de teatro. O objetivo é o de alargamento e ressignificação das concepções de expressão dramática, jogo e teatro, expandindo os saberes das professoras para lugares de significações de ordem mais lúdica, simbólica, subjetiva, construindo outras leituras de teatro e lógicas mais próximas do ponto de vista infantil, que é o da fantasia, do brincar, do experimentar, da inventividade, da liberdade pessoal de envolver-se organicamente com o ambiente e o outro (Spolin, 1987, 2007).

Uma função elogiável do ensino de teatro na formação de pedagogas é fortalecer o respeito pela criança, realizando uma educação centrada nela e que, graças a isso, poderá necessitar de uma revisão da lógica dos programas de formação, por exemplo, eliminando os tradicionais papéis de professor-aluno, “dicotomia superada pelo princípio de parceria” (Koudela, 1984).

Um objetivo elementar do trabalho com teatro na formação de pedagogas, portanto, é o de repensar as concepções que temos de teatro, compreendendo-o como arte em permanente estado de pesquisa das potencialidades corporais, expressivas,

poéticas e inventivas. Se trata de desejar um fazer com a linguagem teatral que compactue com o encantamento dos corpos-brincantes infantis que se movem, lançando-se em jogos que recriam aquilo que está dado. Se trata de fazer um teatro que se aproxime de fato dos modos de ser das crianças na Educação Infantil e nos anos iniciais, que manifestam o desejo de investigar e decifrar o mundo como experiência poética.

MEDIAR, ADMIRAR-SE.

A profissional formada em Pedagogia que escolhe ser professora de crianças, encontra-se em um lugar de mediação entre a criança e as culturas, sendo, muitas vezes, uma das primeiras mediadoras na vida da criança, entre ela e o mundo que a cerca.

Martins (2016) fala do quanto são essenciais os intercessores na percepção consciente de que ampliamos os nossos referenciais e aprendemos a ver, ouvir, sentir, pensar por meio de nossa relação com o mundo e com nosso entorno social e cultural. Os intercessores são muitos, pois nossa vida é mediada não só pelas pessoas, mas pelos ambientes, pelo universo que chega até nós pelas telas da TV, do cinema, do computador, do celular, das multimídias. A autora comenta que sempre pergunta a seus alunos, professores em formação, sobre o primeiro contato com a arte. Com frequência, recordam de quem ofertou esse encontro como parte de suas memórias afetivas: pais, tios, avós, professores, com livros, passeios, viagens e a própria descoberta prazerosa de fazer arte.

Uma caracterização bastante ampla da noção de mediação diz respeito a um profissional ou instância empenhados em promover a aproximação entre obras e os interesses de um público, levando em conta o contexto e as circunstâncias (Pupo, 2011). Aqui, ao pensar mais especificamente sobre o termo mediação teatral, considerado central à formação dos espectadores, observamos que a aproximação entre a criança e o teatro é sem dúvida um ato significativo e profundo, implicando em esforços não só voltados a uma



TEATRO: criação e construção de conhecimento

aprendizagem da apreciação artística, mas também ao estímulo à agência da criança-espectadora, que reelabora o que assiste ao criar seu próprio entendimento daquilo que aconteceu em cena.

São muitos os mediadores possíveis entre um aprendiz e o objeto de conhecimento mas, na escola, a professora é quem carrega a maior responsabilidade de provocar a ampliação de referências das crianças. Pupo (2011) afirma que do profissional especializado na arte teatral se espera que faça pontes entre a escola e as artes da cena; uma dupla competência, artística e pedagógica, reunida em um único profissional deve ser dinamizada tendo em vista a formação de indivíduos familiarizados ou envolvidos com a esfera artística. De forma semelhante, a mediação cultural está na essência também do ofício da professora-pedagoga, na busca por maior qualidade na humanização dos aprendizes – estudantes e professores – ao mobilizar “buscas, assimilações, transformações, ampliações sensíveis e cognitivas, individuais e coletivas” (MARTINS, 2012, p. 60).

Ao compreender o exercício da mediação docente enquanto um diálogo de significados que proporciona construção de conhecimentos e transformação das pessoas, espera-se que ações artísticas sejam elementos constituintes da práxis educativa. As modalidades de mediação, nesse sentido, são compreendidas como momentos destinados à relação de espectadores com obras e contam com dois momentos essenciais: o da sensibilização anterior ao espetáculo e o da reverberação, após assistir a uma peça teatral.

Porém, Ferreira (2010) observa algumas falhas no processo de aproximação com a linguagem teatral feito pelas professoras. Para além do fato de elas se mostrarem pouco à vontade para propor momentos relacionados ao teatro às crianças ao longo da rotina escolar, em se tratando da apreciação/fruição, a autora afirma que “muitos professores não costumam assistir

ao espetáculo ao qual submeterão centenas de alunos, informando-se acerca da peça por uma breve sinopse” (Ferreira, 2010, p. 22), indicando problemas no fator mediador das experiências das crianças como espectadoras.

Considerando a pertinência nas discussões de Flávio Desgranges (2003, 2012) sobre a pedagogia do espectador, sobre a relevância da fruição artística feita por professoras para sua própria nutrição estética, vale recordar de onde nasceram as interrogações suscitadas pelo autor sobre meios do espectador empreender uma atitude artística, produtiva, em sua relação com o mundo. Durante visita ao *Musée D’Orsay*, na cidade de Paris, diante da “profusão delirante de quadros de Gauguin, Cézanne, Van Gogh, Seurat” que lhe despertavam emoções, Desgranges relata:

A visitação seguia pelas muitas galerias fechadas, quando, no meio de uma das salas surge, surpreendentemente, uma janela que nos deixava ver, lá fora, o entardecer da cidade, tendo como fundo um céu azul cravejado por nuvens esparsas, recortado pelos pequenos prédios parisienses. Postei-me diante da janela durante longo tempo e percebi que não estava só. Vários dos visitantes permaneciam estáticos diante dela, olhando para aquela paisagem como se observassem uma pintura, uma obra de arte (Desgranges, 2003, p. 13).

O relato do autor revela o quanto existe de pessoal e sensível na fruição estética e artística, do quanto a singularidade da fruição de cada pessoa pode levar ao descortinamento de elementos que aparentemente não podem ser percebidos, pois estão submersos na subjetividade. Podem vir à tona e transformar-se em aprendizados por meio da faculdade da arte de nos sensibilizar.

Assim, é necessário à professora admirar-se, antes de mais nada. Como mediadora cultural, a professora promove o encontro entre o universo da escola e o dos artistas, apoiada na noção de parceria. Para impulsionar eles, precisa ela mesma, antes, ter



TEATRO: criação e construção de conhecimento

mergulhado na singularidade da percepção estética, surgindo com suas percepções, recriações e críticas. A partir da construção de suas narrativas pessoais, poderá criar percursos para propor às crianças. Sobre essa associação, Pupo afirma que:

Atuar de modo associado não é um desafio corriqueiro, nem para artistas, nem para docentes. Para que uma verdadeira atuação em parceria aconteça é indispensável que cada um seja capaz de apreender plenamente o ponto de vista do outro; é só quando as competências e olhares se cruzam que a aliança se torna efetiva. Ela implica, entre outras disponibilidades, a de ser capaz de se despir de certezas já conquistadas e se dispor a uma aventura inédita (Pupo, 2011, p. 121).

O outro aspecto a ser focado no debate da mediação teatral é o de propiciar a agência das crianças, seu protagonismo nos processos de aprender, reconhecendo suas capacidades inventivas. Pupo (2011) se refere a esta dimensão nos processos de mediação, fazendo deles uma modalidade de criação que permite as formulações das crianças. Neste sentido, a mediação vai além de um ato de aproximar espectador e obra. Quando a peça assistida suscita questionamentos e outras ideias, quando a criança atribui ao que assistiu significados próprios e inusitados, mais do que a perspectiva de dar acesso ao patrimônio cultural, a ação possibilita a recriação, em uma construção dialógica.

Em um relato sobre o Projeto Formação de Público – que visava a formação continuada em teatro de professores aprimorando seu conhecimento sobre teatro com intuito de que eles assumissem futuramente a mediação pedagógica de espetáculos, isto é, o encontro de seus alunos com esta arte – do qual participou como orientador em 2004, Flavio Desgranges (2008) observou que, após as apresentações, quando integrantes do grupo teatral colocavam-se no palco para conversar com os espectadores sobre questões ou comentários sobre a encenação, os espectadores pediam que os artistas lhes explicassem a opção por um ou outro signo cênico, perguntando porque os artistas

usaram tal elemento, o que quiseram dizer com aquilo ou qual mensagem “quiseram passar”. Nestes casos, os artistas devolviam a pergunta, “convidando os espectadores a elaborarem respostas próprias às provocações semióticas feitas pelos artistas na encenação”.

Com isto, se pretendia dizer que cabe aos espectadores “e a mais ninguém a tarefa de efetivar uma compreensão da experiência teatral, ainda que esta possa se enriquecer muito na conversa com outros”, lhes ofertando “a noção de que, por mais relevante que seja, a resposta do outro não lhes serve completamente nesse caso, pois o ato do espectador é necessariamente autoral, e exige uma produção pessoal” (Desgranges, 2008, p. 81). Desta forma, de acordo com Desgranges (2008) o que importa são os contra-lances criados pelo espectador, que indicam formulações compreensivas que concretizam o que se espera dele: a efetivação de um ato produtivo, autoral.

Em experiências analisadas por Pupo (2011) em uma estrutura de mediação teatral da instituição *Maison du Geste et de l'Image*, situada em Paris, o conceito de mediação também sofre esse nítido deslocamento para além da geração de pontes entre a escola e o teatro. Se na origem o conceito diz respeito à apropriação das obras pelo público, ele pode passar a ocupar um espaço outro, se configurando em um âmbito que vai além da leitura da obra. Integram-se dentro do termo as formulações e experimentações das crianças e jovens e a reflexão sobre a arte e sua inserção cultural.

Retomando a questão formulada sobre quais são as mediações necessárias hoje no campo específico do teatro, considerando-se as discussões contemporâneas sobre educação, culturas e teatro, diante do exposto, Arte e Pedagogia deixam de ser campos antagônicos e passam a engendrar um novo espaço de atuação, protagonizado por seus respectivos profissionais. Dito em outras palavras, estamos diante de uma acepção



singular do termo: a mediação como uma modalidade de criação (Pupo, 2011).

A proposta da teatralidade recente suprime a relação sujeito-objeto entre cena-espectador, segundo Desgranges (2012). O espectador desliza entre a posição de sujeito e a de objeto quando se coloca em experiência, como sujeito que cria, compreende, analisa. Desgranges (2012, p. 202) afirma que a “obra de arte não está previamente constituída, como algo afastado do sujeito, previamente concebido, em que o espectador é mero apreciador do já concluído. A obra só se configura de fato na produção do corpo-consciência com quem dialoga”.

Além disso, é uma proposta que solicita um fazer pedagógico que respeite o lugar de fala das crianças. Enquanto professoras, as pedagogas falam sobre as crianças, pelas crianças, em nome das crianças, com as crianças. Falar sobre, falar para, falar com são dimensões diferentes que carregam responsabilidades e têm consequências no tipo de prática que se realiza. No trabalho com as linguagens artísticas junto às crianças se propõe não tanto “falar da criança pequena, mas sim firmar com ela um pacto poético.”³ Isto é, “não se trata de falar sobre infância mas com ela firmar a cumplicidade de mútuos aprendizados que permitam agregar aqueles que encontram na infância o desafio de interrogar cristalizadas concepções educacionais.” (Richter, 2007, p. 1)

Ensinar e aprender é um ato coletivo de trocas e a interlocução em jogo no trabalho de pedagogas se dá na “mistura entre diferentes temporalidades plasmadas nos corpos, como mistura entre o não-saber ainda do corpo infantil e o já conhecido no corpo adulto.” (Richter, 2007, p. 1).

A questão do acesso físico ao teatro está evidentemente colocada (Desgranges, 2003; Koudela, 2010) no processo de ampliação de

repertórios das futuras pedagogas, preparando-as para o trabalho com crianças. Para ter familiaridade com o teatro, a professora precisa ser espectadora sensível e em uma perspectiva ativa.

Desgranges (2003) afirma que o interesse do espectador só acontece com medidas que tornem viáveis um duplo acesso ao teatro: físico e linguístico.⁴ Ou seja, tanto a possibilidade do indivíduo frequentar espetáculos como também sua aptidão para a leitura de obras teatrais. Desgranges explica:

O acesso físico constitui-se na viabilização da ida do público ao teatro. Ou vice-versa, da ida do teatro até o público, ou seja, na difusão de espetáculos por regiões social e economicamente desfavorecidas. Assim, podemos considerar facilitação do acesso físico iniciativas como: promoção e barateamento dos ingressos; ampla circulação das produções culturais pelos veículos de comunicação; campanhas publicitárias; a difusão das produções por regiões geográfica e socialmente afastadas; disponibilização adequada de transportes; construção de centros culturais na periferia das cidades; segurança pública, garantindo o ir e vir dos espectadores; entre tantos outros (Desgranges, 2008, p. 76).

Estela Bonci, realizou uma pesquisa de doutorado denominada “Formação cultural e artística de estudantes de Pedagogia: constelações potenciais” (2018) que desvela marcas na formação cultural e artística de estudantes do curso de Pedagogia, ao fazer mapeamentos e análises sobre como essas marcas contribuem como alicerces para o exercício da docência enquanto prática sensível, criativa e interdisciplinar. A autora descobriu que este tipo de formação está ligado à intencionalidade de uma prática pedagógica plural e transformadora. Entretanto, nos levantamentos de dados, pôde observar que, em se tratando da frequência das estudantes a espetáculos de dança, música e teatro e

³ Sandra Regina Simonis Richter. Informação pessoal recolhida em 4 de setembro de 2012, VI COPEDI – Congresso Paulista de Educação Infantil. Mesa-redonda: Poéticas da infância: arte como direito de meninos e meninas.

⁴ KOUDELA (2010) menciona os termos acesso físico e acesso simbólico.



exposições de artes visuais, elas raramente participam ou frequentam esses espaços. Daí conclui-se que nós, formadoras de formadoras, não podemos ignorar a questão relativa à democratização do acesso às artes, dado ser um tema integrante da formação estética de professores a qual envolve, inclusive, proposições políticas de acesso à cultura em nosso país.

Daí está colocado o desafio desde o campo da pedagogia do espectador, compreendendo a mediação teatral calcada em procedimentos que criem o gosto pelo debate estético e o desejo de futuras pedagogas por empreenderem uma pesquisa pessoal na interpretação que se faz de obras cênicas, pondo em jogo sua subjetividade e seus pontos de vista (Desgranges, 2003).

CONSIDERAÇÕES

Considerando que desejamos construir uma escola como espaço sociocultural de construção democrática para todas as crianças, que propicie acesso às fontes de valor histórico, artístico e cultural, ao direito a modos de criar, fazer e viver e a processos educativos enriquecedores que proporcionem pleno desenvolvimento, desejamos a ampliação de acesso ao teatro, enquanto

fruição e fazer. Os avanços na pedagogia do teatro acontecem em consonância com a escola como sendo um lócus do projeto democrático.

Como afirmam Bourdieu e Darbel (2016), a escola traz a função específica de desenvolver ou criar as disposições de compensar, ao menos, parcialmente, a desvantagem inicial daqueles que, em seu meio familiar, não encontram a incitação à prática cultural, nem a familiaridade com obras. Para que todas as crianças tenham acesso à diversidade de manifestações artísticas, a professora precisa se alimentar estética e artisticamente, indo ao teatro, fazendo teatro em seus processos de formação, tanto para se nutrir como para compreender esse fazer na/da criança. Como reafirma Bonci (2018), a formação cultural e artística da professora é de fundamental importância na mediação que realiza com as crianças, na capacitação das novas gerações enquanto agentes transformadores no processo de aquisição e análise crítica do legado cultural da sociedade. Assim, lutamos para que o teatro seja um elemento constituinte e dinâmico do processo de formação inicial em Pedagogia.

REFERÊNCIAS.

- BARBOSA, Ana Mae (1975). *Teoria e prática da educação artística*. São Paulo: Cultrix.
- BONCI, Estela Maria Oliveira (2018). *Formação cultural e artística de estudantes de Pedagogia: constelações potenciais*. 2018. Tese (Doutorado em Educação, Arte e História da Cultura). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.
- CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (2006). Conselho Pleno. *Resolução CNE/CP n. 1/2006, de 15 de maio de 2006*. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciaturas. Brasília.
- DESGRANGES, Flávio (2003). *A pedagogia do espectador*. Hucitec, São Paulo.
- DESGRANGES, Flávio (2008). *Mediação Teatral: anotações sobre o Projeto Formação de Público. Urdimento*, Florianópolis, Universidade do Estado de Santa Catarina, n. 10, p. 79- 87.
- DESGRANGES, Flávio (2012). *A inversão da olhadela: alterações no ato do espectador teatral*. São Paulo: Hucitec.



TEATRO: criação e construção de conhecimento

- FERREIRA, Taís (2010). *A escola no teatro e o teatro na escola*. Porto Alegre: Mediação.
- FRANCO, Maria Amélia Santoro (2003). *Pedagogia como ciência da educação*. Campinas: Papirus.
- HALL, Stuart (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- KOUDELA, Ingrid Dormien (2010). *A ida ao teatro*. Programa Cultura e Currículo. São Paulo.
- KOUDELA, Ingrid Dormien (1984). *Jogos Teatrais*. São Paulo: Perspectiva.
- LOMBARDI, Lucia Maria Salgado dos Santos (2015). Sobre o teatro no curso de Pedagogia. *Revista TRAMA Interdisciplinar*, v. 6, p. 116-129.
- MARTINS, Mirian Celeste (2012). *Conceitos e terminologia. Aquecendo uma transforma-ção: atitudes e valores no ensino de Arte*. In: Barbosa, Ana Mae (org.). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 2012, p. 52-65.
- MARTINS, Mirian Celeste (2016). Mediação cultural: [entre]laçamentos de territórios da arte e cultura e curadorias educativas. *Revista Matéria-Prima*, v. 4, p. 28-38.
- MARTINS, Mirian Celeste e LOMBARDI, Lucia Maria Salgado dos Santos (2015). A Arte na Pedagogia e a formação do professor para Educação Infantil e Anos Iniciais: inquietações e esperanças. *Revista TRAMA Interdisciplinar*, v. 6, p. 23-36.
- MARTINS, Mirian Celeste e LOMBARDI, Lucia Maria Salgado dos Santos (2017). Ensino de Arte no curso de Pedagogia: travessia e perigo. In: *Anais do XXVII Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil; V Congresso Internacional dos Arte/Educadores; II Seminário de Cultura e Educação de Mato Grosso do Sul*, Campo Grande. Enquanto esse velho trem atravessa...: outros caminhos na experimentação e na formação docente em Arte. Campo Grande: Federação de Arte/educadores do Brasil, 2017. v. 1. p. 1994-1955.
- PUPO, Maria Lúcia de Souza Barros (1991). *No reino da desigualdade: teatro infantil em São Paulo nos anos setenta*. São Paulo: perspectiva.
- PUPO, Maria Lúcia de Souza Barros (2011). Mediação artística, uma tessitura em processo. *Urdimento*, Revista de Pós-Graduação em Teatro – UDESC, nº 17, Setembro de 2011, p. 113-121.
- RICHTER, Sandra Regina Simonis (2007). Experiência poética e linguagem plástica na infância. In: *Anais da 30ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED)*, Caxambu (MG). RJ: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, p. 1-15.
- SILVA, Kelly da (2011). *Currículo, gênero e identidade na formação de professores/as*. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG.
- SPOLIN, Viola (1887). *Improvisação para o Teatro*. São Paulo, Perspectiva.
- SPOLIN, Viola (2007). *Jogos teatrais na sala de aula: um manual para o professor*. São Paulo: Perspectiva.



TEATRO: criação e construção de conhecimento